

HAWKING  
E A HISTÓRIA DO TEMPO

Carlos Fiolhais

É sabido que o primeiro lugar na lista dos livros mais vendidos desde sempre é ocupado, com granae avanço, pela Bíblia. A recente "Breve história do tempo" de Stephen Hawking, embora, tal como a Bíblia, fale muito de Deus, ainda não se conseguiu vender tanto. Mas vende-se bastante, um pouco por todo o planeta. Porque é que se tornou um "best-seller"?

Estamos em presença de uma campanha publicitária bem concebida e bem paga, que inclui até a capa da "Newsweek" (com a estrela Hawking em primeiro plano e as outras estrelas em segundo plano). O livro já estava vendido antes de ter aparecido escrito. Parece claro que faz parte dessa campanha uma exploração, um tanto ou quanto miserabilista, da doença que imobiliza o autor numa cadeira de rodas e o impede até de falar.

Entendamo-nos. O homem é um bom, um excelente cientista e deve ser uma boa, excelente pessoa. Se calhar, não tem culpa absolutamente nenhuma da exploração que fazem à volta dele (pode ter alguma, mas está ilibado, pois cada um tem o supremo direito de fazer propaganda de si próprio). Mas daí a ser considerado o "gênio do século", um herdeiro privilegiado de Galileu, Newton e Einstein, uma vítima da malvada Academia Nobel que lhe não dá o prémio, não

anos-luz de distância. É sabido que o fenómeno da publicidade organizada faz milagres. Toda a gente que entra num livrário ou é sócia de um clube do livro já comprou (se o leitor por acaso não comprou, convença-se que é uma excepção), embora a maior parte desses compradores não tenha lido e portanto permaneça ignorante do "plano de Deus" (sic) para o universo... É perfeitamente desejável (não concordo com os que se queixam de uma "overdose" de literatura de ciência), que se vendam muitos livros de divulgação científica.

O que pode ser mau é que o êxito comercial do livro se deva a razões próprias do "Jornal do Incrível" ("cientista só com miolas e sem corpo descobre todos os segredos do universo") ou que a repetida alusão ao nome de Deus se preste às mais variadas confusões. O próprio Hawking, que deve ser uma excelente pessoa, numa recente entrevista ao "Der Spiegel" (replicado no "Diário de Notícias" de 11/Jan/1988) afirmava lamentar que o êxito do livro se devesse possivelmente à sua deficiência física, mais do que à sua ciência física, e que não acreditava, tal como de resto Einstein, num "Deus pessoal", que é aquele em quem as pessoas, em geral, acreditam.

Confesso-me devorador voraz de literatura de divulgação científica. Mas, como o chamado "leitor atento" de certeza já percebeu, não fiquei entusiasmado com esta "história do tempo".

Talvez porque a expectativa era demasiado e as precríticas eram excessivamente encomiásticas. O estilo parece-me que oscila entre um humor, mais ou menos fácil, e um esoterismo, mais ou menos difícil, tudo bem entremeadado, mas com mais esoterismo especializado do que humor avulso. Os editores devem ter mexido na prosa, para meter aqui e ali uma pitada de sensacionalismo: custa-me a acreditar, por exemplo, que o Hawking tenha escrito aquela coisa da sua "identificação" com Galileu, por ter nascido no aniversário da morte de Galileu (já agora o Paul Verlaine também morreu a 8 de Janeiro; será por isso que Hawking se poderá sentir poeta?). Os conselheiros editoriais podiam e deviam ter mexido melhor, por exemplo, nos três últimos capítulos, os de leitura mais difícil para o leitor. Mesmo para um físico: do tempo imaginário tira-se, como por um golpe de ilusionismo, um universo sem início nem fim, e daí, com uma lógica aparentemente inatacável, a dispensabilidade de um Criador. "Os primeiros Três Minutos" de S. Weinberg, também saído na Gradiva, afigura-se-me mais seguro e honesto.

Há sempre a tendência quando não se gosta da parte de emburrar com o todo. Seria, no caso, injusto. A teoria da relatividade é sumária mas elegantemente exposta. A exposição sobre os buracos negros é medianamente clara (a propósito, John Wheeler, o autor da

expressão "buraco negro", já merece há muito o prémio Nobel da Física). É reconfortante saber que um livro com algumas boas páginas anda abundantemente por aí. Algumas palavras sobre a edição portuguesa. Para ser rigoroso, devia começar por dizer que falta um artigo indefinido no título: "A brief history of time" devia dar "Uma breve história do tempo" em vez de "Breve história do tempo" (a edição brasileira, da Rocco, tem o título bem, embora do ponto de vista da terminologia técnica, esteja bastante pior que a portuguesa). O "uma" não é aqui redundante pois Hawking conta-nos a sua história que é "uma" das histórias possíveis.

Ao contrário do que a tradução do título faz antever, o texto da edição portuguesa peca por ser demasiado literal, com os adjectivos antes dos substantivos e os "eventually" e "college" traduzidos da maneira que infelizmente já nos habituámos a encontrar nos versões nacionais de livros anglo-saxónicos. O mais importante é talvez dizer que a sintaxe é muitas vezes retorcida, causando amiúde reflexos condicionados de desaprovação. Talvez os prazos não tenham permitido melhor. O revisor, esse, parece que abusou um pouco das suas prerrogativas e anotou onde a anotação não era imperiosa (há anotações a mais e já ouvi comentários malévolos, recomendando que fosse dada uma oportunidade ao revisor de publicar a sua própria

prosa...). A Gradiva, ao chegar primeiro a este livro que já era badalado há algum tempo, mostrou que continua atenta e interessada na divulgação da ciência.

E pronto. Se o universo não acabar tão cedo, ver-se-á daqui a uns tempos o que ficou do livro. Há um princípio da complementaridade que diz que nem sempre um "best-seller" é uma obra-prima: sabia o leitor que a obra de ficção mais vendida de sempre (tirando a Bíblia que é tanto ficção como não-ficção) é um obscuro "Vale das Bonecas" de Jacqueline Suson, curiosamente da mesma editora, a Bantam, que agora lançou a "breve história" em apreço? Render-me-ei, se a opinião que prevalecer for diferente da minha. Deixemos pois o tempo ajuizar.

S. Hawking, "Breve história do tempo. Do Big Bang aos buracos negros", Gradiva, Lisboa, 1988.

REFLEXOS DO FUTURO  
Bruce Stulling  
Livros do Brasil  
Colecção Argonauta,  
n.º 376  
Lisboa, 1989

Até há pouco tempo em Portugal, falar de ficção científica era o mesmo que falar da colecção Argonauta. Durante muito tempo depois da extinção da Colecção da Editora Panorama, e antes do boom editorial da F.C. protagonizado pela Europa-América, Gradiva, Caminho, Distri, Presença, etc., apenas a Argonauta

monteve acesa a chama da ficção científica. Mesmo agora, com concorrência aguerrida, a Argonauta mantém o seu perfil de verdadeira colecção popular, de preço acessível e formato de bolso. As capas nem sempre são as melhores, o papel é mau, mas a Argonauta consegue a proeza de criar um público fiel, que esgota número após número e que, com uma procura acrescida, faz elevar os preços de volumes antigos até valores pouco comuns. A colecção Argonauta publicou todos os grandes clássicos da época de ouro e todos os fans portugueses tiveram a sua iniciação nos saudosos volumes ilustrados por Lima de Freitas.

E este é talvez o grande feito da colecção Argonauta — ter continuado a publicar os autores e as obras de **golden age**, quando a ficção científica deu entretanto vários saltos qualitativos. Todos nós, os que temos trinta anos e gostamos de ficção científica, gostávamos muito, em tempos, dos Heinlein, Asimov, Bradbury, Simak e Sturgeon, mas hoje em dia outros autores surgiram que representam o presente e o futuro do género. A Argonauta, com poucas excepções, continuava a publicar o passado. No entanto nos últimos tempos assistimos a um arrepiar caminho. Autores jovens começaram a ser publicados também, e este volume, coordenado e não da (autoria) por Bruce Stulling, é um bom exemplo.



autores que têm em comum o pertencerem à corrente denominada **Ciberpunk**, este volume da Argonauta é uma boa introdução a algo do que de mais inovador se produz neste campo. Autores como John Shirley, Greg Beak, William Gibson (autor de *neurómaté*) entre outros, são aqui revelados ao público português que não tem acesso às edições inglesas e americanas. E aqui tocamos noutra ponta sensível: a tradução ou, um mau trocadilho, a tração. A colecção Argonauta tem, como já vimos, pregaminhos a defender, que não se compadecem com traduções atamancadas que deformam o texto e esvaziam o acto da leitura de todo o prazer potencial. A ajuizar por traduções destas, os editores parecem tomar os leitores de ficção científica por um bando de semianalfabetos pouco inteligentes que ingerem tudo o que lhes impingem desde que tenha o rótulo de F.C. Não se compreende nem se aceita que a palavra punk seja

sistematicamente traduzida por maníaco, o que dá a bela palavra de cibermaniaco. Punk entrou já na linguagem comum e é uma referência cultural dos anos oitenta. **Twilight Zone** por Zona do Crepúsculo?! Porque não manter o original ou não traduzir por Quinta Dimensão?

Outros erros são de pura dimensão da asneira. Na pág. 95 fala-se do valado do Mindanau, quando todos sabemos que o que ali existe é o fosso do Mindanau. Na pág. 29 lê-se A-230 Dinâmica Geral, quando o que se lê no original é A-230 General Dynamics, que por acaso é um modelo de aviação, o que nunca devia ter sido traduzido. Na pág. 93 "frez ou" é surrealisticamente traduzido por "descongelador para fora" e "candy-ass" eufemisticamente correspondente a pateta. Gige (biscate) é traduzido por giga. Chega de exemplos. O tradutor(?) é Eduardo Soló, que não tem qualquer atenuante para estas malas artes. Saló é um veterano da tradução de F.C. e o seu nome consta já dos volumes da defunta Colecção da Antecipação da

Panorama. Em seu favor pode dizer-se que já nessa altura as traduções não eram melhores do que são agora. Uma má tradução pode destruir um bom livro, é certo e sabido. Aos responsáveis pela colecção Argonauta, a quem felicitamos pela alteração na linha editorial, compete não permitir que tal continue a acontecer.

J.M.M.